

DIREITOS RESERVADOS

# Peregrinação açoriana na companhia de Liszt

BERNARDO MARIANO  
acorianooriental@acorianooriental.pt

Seis meses depois, ei-la que regressa: “sinto-me privilegiada!”, afirma a pianista Joana Gama (n. 1983, Braga). Ela integrava o Ensemble 20/21 que em Maio tocou peças contemporâneas na Horta e em Ponta Delgada (incluindo dos açorianos Rogério Medeiros e Ângela da Ponte) e lembra-se do “muito público que aplaudiu entusiasticamente no Teatro Faialense”; desta vez, vem a solo – bem, quase... pois no palco, como comentador, estará Alexandre Delgado: compositor, violetista, musicólogo e um dos melhores comunicadores musicais do nosso país.

De resto, os Açores são destino de frequentes “regressos” de Joana: “já visitei cinco ilhas – São Miguel, Terceira, Faial, Pico e São Jorge – e quero muito conhecer as restantes, algo que planeio fazer a curto prazo”. Recorda “a experiência marcante” que foi escalar a montanha do Pico, e do Faial, “de que gosto muito”, falta-lhe só “visitar a Caldeira num dia de Sol, já que quando lá fui, só vi nevoeiro...”

Esse gosto por deambular e tudo calcorrear partilha-o com o compositor que toca esta noite na Horta: falamos de Franz Liszt, do qual irá tocar o 1.º Caderno (chamado ‘Primeiro Ano: Suíça’) da coleção ‘Anos de Peregrinação’. Nas palavras de Joana, “nove peças que nos remetem para as paisagens campestres e para as lendas da Suíça, bem como para os

sentimentos do herói romântico e a melancolia da saudade”. O todo é “muito influenciado pela literatura do tempo, figurando nas partituras citações de Byron, Schiller e Senancour”, as quais, diz-nos ainda, “procuram imbuir o pianista do sentimento que acompanhou a composição das obras”.

Tocar a totalidade do ‘Primeiro Ano’ é para Joana “muito gratificante”, visto que já lá vai uma década “desde que comecei a estudar algumas das peças, sempre com o sonho de fazer a integral deste ciclo!” Sonho que virou realidade em Fevereiro, em Braga e de novo, agora no Faial. Na Horta como em Braga, os comentários “são da inteira responsabilidade do Alexandre”, cuja “forma apaixonada e bem documentada com que fala de música” geram nela “fascínio”.

Quando, em vez de tocar, opta por ouvir estas obras em disco, escolhe “Lazar Berman, Gyorgy Cziffra ou Martha Argerich”.

Tal como há um mês com o recital do alemão Hinrich Alpers, também este recital se enquadra na efeméride do bicentenário do nascimento de Liszt.

Lendário enquanto pianista, Liszt “abordou o teclado de forma inovadora, percorrendo-o de um extremo ao outro [no seu tempo, os pianos haviam adquirido recentemente a extensão que hoje é ‘standard’] em torrentes de escalas, arpejos e oitavas”, traço que considera “identificar de imediato o seu estilo”. Também marcante, na sua opinião, é “o contraste emocional presente nas suas obras e a forma como a música o torna presen-



Açores são motivo de frequentes regressos de Joana Gama

te, conseguindo envolver o pianista e o público em atmosferas muito distintas: do angelical ao diabólico, do mais pungente ao mais extrovertido”. Por fim, refere ainda “o seu original uso da harmonia, através do qual consegue efeitos tão inesperados quanto belos”.

A jovem pianista acha que “as comemorações deste ano serão o ponto de partida para a descoberta da extensa produção musical e da riquíssima vida” deste compositor. No seu caso pessoal, não tem para já previsto tocar de novo este programa, mas “tocarei estas peças isoladamente, como números extra ou como partes de recitais”, observa.

Vida de pianista é assim mesmo: sempre a visitar universos díspares! Veja-se o seu caso: autores novíssimos em Maio, o hiper-romântico Liszt agora e, no dia 19, Erik Satie, “cuja simplicidade e economia de meios contrasta muitíssimo com a música de Liszt”. E “muitíssimo” é, diga-se, um eufemismo!...

A sua adaptação a linguagens tão diversas é “instintiva” e inclui

“uma adaptação do próprio corpo, cuja linguagem é bem visível para o público”. No caso de Liszt, diz, “é desejável uma grande expressividade musical e corporal. O próprio corpo torna-se mais flexível, os movimentos mais largos”.

De largueza, mas de horizontes, fala quando lembra a passagem pela histórica Royal Academy of Music de Londres: “foi decisivo para a minha formação musical e pessoal, pois trata-se de uma das escolas mais ricas e dinâmicas da Europa e, aos 17 anos, pude testemunhar, participar e beneficiar da actividade fervilhante que acontecia dentro do edifício”. De Londres veio para Lisboa, “para estudar com Tânia Achat”.

Outro marco no seu percurso foi o Prémio Jovens Músicos, de que ela foi... colecionadora! Se não, vejamos: 3.º Prémio de Música de Câmara em 2004, 1.º Prémio de Acompanhamento de Piano em 2005 e 1.º Prémio de Piano em 2008. É obra! Joana usa o seu exemplo como “algo que a todos recomendo” e alinha quatro razões: “a preparação para um concurso é

## Uma vida de artista ‘free-lance’

Após vários anos ligada à Orquestra Metropolitana e respectivas escolas de música, “deixei de leccionar no ano lectivo passado – conta – pois senti a necessidade de me dedicar integralmente ao estudo e à concretização de projectos com outras artes”, opção esta com que declara “estar muito feliz”.

E chegamos a ainda uma outra face de Joana: a artista multidisciplinar! De que os Açores tiveram um “cheirinho” no ano passado, quando Terceira e São Miguel viram a comédia ‘Benny Hall’, pela companhia Esticalimógama, “da qual faço parte”. Ela explica estas incursões e colaborações pela “necessidade imensa que sinto do novo” e pelo gosto de “me explorar a nível artístico”. Os cruzamentos com dança, teatro, cinema “vêm com naturalidade”, ao que se alia o “gosto em falar de música a pessoas que não são músicos, porque implica um esforço que ‘de per si’ me faz olhar a música de uma forma e perspectiva diferentes”. Entre “solicitações de curto prazo” e “projectos de longo prazo”, vai, afirma, “conseguindo gerir o estudo com a agenda”.

Não dispondo de agenciamento, Joana vai ‘batendo às portas’. Confessa ser “difícil ‘entrar’ em instituições que nunca ouviram falar de mim ou nunca me ouviram tocar”, pois, diz, “têm relutância em apostar no desconhecido”. Mas ela não é de desistir. Se um dia se “abrir” a porta de um estúdio de gravação, Joana tem duas obras que serão companhia indispensável: “Phrygian Gates”, de John Adams e ‘Fogo Posto’, de João Godinho – esta, uma peça que me foi dedicada este ano! Conhecendo Joana, atrás desta outras virão...

sempre um momento de grande dedicação ao estudo; o contacto com colegas músicos; a oportunidade de ouvir outros concorrentes”; e, “caso se saia vencedor, desfrutar a oportunidade de fazer vários concertos, a solo e com orquestra”.

Esperemos que Joana desfrute do seu “passeio” pela Suíça no Faial. E que seja desta que faz Sol na Caldeira! ♦

## Inteligência de crianças luso-americanas questionada

A inteligência das crianças luso-americanas é com frequência questionada por professores de escolas públicas norte-americanas, quando é a falta de condições destas a principal causa de insucesso escolar, afirma a investigadora universitária Maria Pacheco.

Professora da Universidade de Brown, Maria Pacheco falou à Lusa poucos dias antes de receber o prémio da associação luso-americana

PALCUS por “Liderança na Educação”, ao fim de quase quatro décadas dedicadas ao ensino e ao acompanhamento das escolas do país, com particular ênfase em minorias como a hispânica e afro-americana.

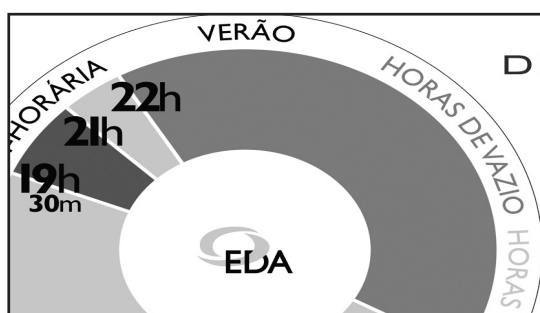
“A percepção de que as crianças portuguesas têm baixa inteligência é mais comum do que o que se pensa”, disse a investigadora, natural da ilha das Flores. Mas, afirmou, em “90% dos casos [o insucesso] não

tem nada a ver com a inteligência, tem a ver com preparação, falta de acesso a aulas mais rigorosas, professores mais preparados, uma certa apatia da parte da comunidade”. Em New Bedford, Fall River ou Newark, as escolas públicas são muitas vezes a única opção para os pais emigrantes, e oferecem más condições de ensino, alerta a especialista. Maria Pacheco pretende dedicar-se no futuro próximo a fa-

zer estudos específicos sobre as condições de ensino das crianças luso-americanas, que diz serem raros, apesar de a comunidade ter mais de um milhão de indivíduos.

Um estudo geral recente em Fall River, onde grande percentagem dos alunos é de ascendência portuguesa, indica que menos de 60 por cento dos jovens acaba o liceu, e que destes apenas 25 por cento seguem para a licenciatura, com outros 30

por cento a irem para universidades comunitárias (community college), que oferecem bacharelatos com poucas saídas para empregos bem remunerados. A raiz, afirmou, está na falta de qualidade do ensino público nas escolas e liceus, embora os professores destas digam muitas vezes que “os portugueses não têm grande interesse na educação e isso está ligado a nível socioeconómico”. ♦ LUSA



DIRIJA-SE À NOSSA LOJA E FAÇA A SUA SIMULAÇÃO À

TARIFA 3 HORÁRIA

PUB